

# A produção da Hortalixa *cheiro-verde* na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré/ Paraná do Limão e o seu consumo em Parintins-Am.

Daniela de Souza Baraúna<sup>1</sup>  
Alem Silvia Marinho dos Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

A organização produtiva e o consumo dos produtos agrícolas que abastecem a cidade de Parintins são indispensáveis para o entendimento dos processos que permeiam questões sobre segurança alimentar. Atualmente a produção agrícola local é incipiente para a demanda de consumo da população urbana que atualmente é de 69.878 (2010) habitantes o que enseja discussões a cerca das políticas públicas relacionadas à produção e consumo de alimentos. No Brasil o pequeno produtor familiar contribui bastante para a manutenção alimentícia da população principalmente dos alimentos como as hortifrúti, hortaliças, frutas, legumes, entre outros alimentos. Porém as políticas públicas ainda não são eficientes para uma justa concorrência de seus produtos com outros que chegam a todo o momento no mercado, pois os recursos técnicos, financeiros e humanos utilizados na produção ainda são artesanais, do modo tradicional, com baixa tecnologia que possam aumentar a produtividade. Essa realidade é comum também a Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, no Paraná do Limão de Baixo-Parintins/AM (2°66'66" L e 56°77'72" O), localizada em ecossistema de várzea. A pesquisa é um estudo de caso com enfoque qualitativo, mas não exclui dados quantitativos que demonstram o cenário atual da produção de hortaliças, sobretudo, o cheiro-verde, nosso objeto de investigação. Neste sentido, por meio da observação e entrevistas traçou-se a situação da produção, transporte, armazenamento e venda do cheiro-verde proveniente da referida comunidade. Escolheu-se essa hortaliça por se tratar de um alimento que faz parte da culinária local no acompanhamento do preparo do pescado e a comunidade devido à região onde está localizado destacar-se na produção da hortaliça. Conclui-se que o levantamento da produção agrícola na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré demonstra que sua produção é incipiente para atender a demanda local de consumo, de forma que, a maior parte dos produtos agrícolas comercializados em Parintins é trazida de outras localidades, revendida por intermediários e transportada por meio de navios oriundos de outros pólos de produção/distribuição, principalmente do Estado do Amazonas e do Pará.

**Palavras-chave:** Segurança alimentar. Produção de alimentos. Hortaliça.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia no CESP/UEA. barauandaniela@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em desenvolvimento sustentável com ênfase em segurança alimentar e políticas públicas (CDS/UnB).

## **1. INTRODUÇÃO**

O conhecimento da estrutura e do funcionamento dos processos que permeiam o abastecimento da produção agrícola demandada para o consumo em Parintins é indispensável para a criação de qualquer proposta voltada a melhoria dos sistemas produtivos locais, e de apoio à organização social dos agricultores familiares. O levantamento da produção agrícola na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré demonstra que sua produção é incipiente para atender a demanda local de consumo, de forma que, a maior parte dos produtos agrícolas em Parintins é trazida de outras localidades, revendida por intermediários e transportada por meio de barcos oriundos de outros pólos de produção/distribuição, principalmente do Estado do Amazonas e do Pará. Os recursos técnicos, financeiros e humanos, por exemplo, são questões que poderiam auxiliar os produtores em sua produção, pois sua ausência, dentre outros motivos, dificultam a criação e a implantação de propostas apropriadas para a melhoria do setor primário no município.

Realizaram-se estudos de literaturas, pesquisas, entrevistas com os comunitários e conversas não formais a fim de saber os dados necessários para expor na pesquisa. Os resultados serão vistos e discutidos nessa dissertação bem como o cenário atual, transporte, produção e consumo.

Portanto, este trabalho tem o objetivo de analisar a relação do cultivo da hortaliça cheiro verde na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré e o consumo em Parintins-Am, a partir das análises dos preços de compra e venda a quantidade ofertada por esta comunidade para o mercado local, e relevância para a economia do Município.

## **2. GEOGRAFIA DAS HORTALIÇAS NO PARANÁ DO LIMÃO**

Parintins localiza-se na região do baixo Amazonas, a 369 km em linha reta de Manaus e 420 km de distância por via fluvial (Couto, 2005), e abrange uma área de aproximadamente 5.952 km<sup>2</sup> (IBGE, 2009). A população de Parintins, segundo os dados do IBGE (2010), é de 102.066 habitantes. Cerca de 67% da população reside na sede urbana do município, enquanto os outros 33% (IBGE, 2010) dos habitantes encontram-se distribuídos em diversas comunidades ao longo das áreas de várzea, onde está situada a comunidade Nossa Senhora de Nazaré, e terra firme na extensão da região.

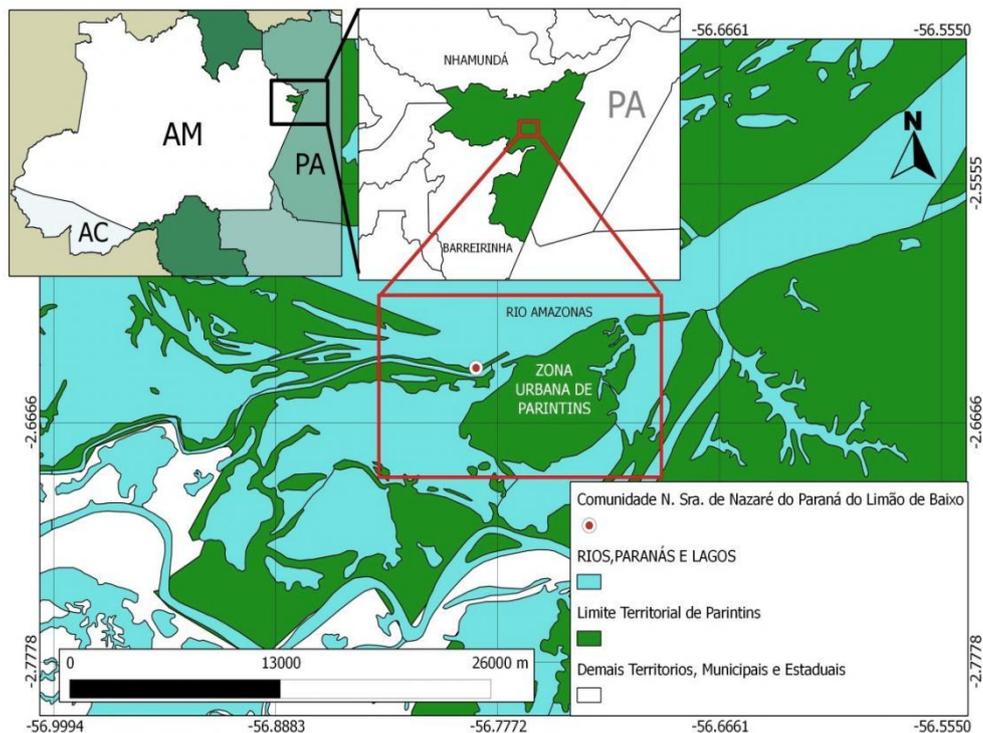
O clima de Parintins é classificado como tropical chuvoso (Amw), segundo a classificação de Köppen (Couto, 2005), caracterizado por uma precipitação pluviométrica superior a 2000 mm/ano, marcado por uma estação seca de curta duração, com temperatura

média anual em torno de 26°C. Dois grandes ambientes constituem os principais ecossistemas de Parintins: a terra firme e a várzea. Estes ecossistemas regem uma diferente dinâmica sobre o modo de vida das populações e sobre a prática da agricultura local. O Rio Amazonas é a principal via de acesso de pessoas e mercadorias ao município. O Paraná do Ramos, o Paraná do Espírito Santo, o Paraná do Limão, o Rio Uaicurap  e o Rio Mamuru, destacam-se por sua importância, dividindo a geografia do território, do acesso às comunidades e pela influência na forma o dos lagos entre suas dependências e seus afluentes (Couto, 2005).

Embora Parintins destaque-se no setor econ mico em rela o com o entorno,   propicio destacar que tanto Parintins   importante para o setor produtivo de alimentos como a Comunidade Nossa Senhora de Nazaré. Ambos são elo de produ o e comercializa o. Ainda que a produ o da Comunidade seja insuficiente para atender a necessidade do consumo local, sem esta produ o seriam importados tantos mais maos de cheiro-verde anuais o que acarretaria uma crescente na produ o de alimentos importados de outras regiões e posteriormente um crescimento maior na compra dessa hortaliça pelos consumidores.

## 2.1  rea de Estudo

A Comunidade Nossa Senhora de Nazaré está localizada no Paraná do Limão de Baixo- Parintins/Am. Latitude -2.6666 e Longitude -56.7772 (Figura 1).



**Figura 1:** Localiza o da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré- Paraná do Limão de Baixo.  
**Organiza o:** Daniela Baraúna, Rildo Marques e Rogério Oliveira.

A Comunidade localiza-se em um ecossistema de várzea formada pela inundação anual do rio Amazonas e a deposição dos sedimentos de suas águas barrentas. Possui uma dinâmica de oscilação no nível da água e pode chegar até 15 metros anuais (ALBERNAZ, 2012, p. 327). Este sistema é composto por florestas, campos alagáveis, rios; lagos e canais e são áreas utilizadas para grande produção devido a fertilidade do solo. Uma das características da várzea durante a cheia dos rios é quando as comunidades se tornam um grande ecossistema aquático, com exceção das restingas mais altas. Nesse período os peixes migram para os lagos onde podem aproveitar os ambientes de florestas alagadas, capins flutuantes e encontram seu alimento. Durante a vazante os comunitários podem, com mais facilidade, pescar o seu alimento.

Os habitantes vão se adequando conforme o ritmo das águas e tendem a preparar-se ano a ano, entretanto podem ser surpreendidos como no ano de 2009 onde a cheia atingiu fortemente a região. Houve na comunidade, em algumas residências perda total dos balcões suspensos onde são produzidas as hortaliças. Conforme o lugar a várzea vai modificando a paisagem como se pode observar na Figura 2 que mostra a comunidade no período da vazante.



**Figura 2:** Paisagem frente à casa de produtor em período de cheia no mês de agosto.  
**Foto:** Daniela Baraúna, Ago 2013.

Conforme os relatos dos moradores, a impressão é que a vazante chegou cedo este ano. A comunidade e os mesmos já aguardam a cheia próxima. A tendência é preparar mais cedo o armazenamento do esterco de gado utilizado para adubar os balcões suspensões.

Os dados da Comunidade podem ser observados a partir do quadro 01, abaixo:

| DADOS DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ                         |  |
|---|--|
| Comunidade  | NOSSA SENHORA DE NAZARÉ  |
| Presidente da Comunidade  | Antônio Marcos Machado Reis  |
| Famílias residentes   | 42   |
| Famílias produtoras de cheiro-verde                                 | 23   |
| Famílias produtoras de gado, porco, galinhas (além do cheiro-verde) | 19   |
| Comunidades auxiliares na produção de cheiro verde.                 | * São José- Paraná do Limão do Meio *Nossa Senhora das Graças- Paraná do limão de Cima |

**Quadro 01:** Dados da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré

**Fonte:** Pesquisa de campo

**Organização:** Daniela Baraúna. Daniela Baraúna, 2013.

O atual presidente da comunidade se chama Antônio Marcos Machado Reis. Das quarenta e duas famílias residentes na comunidade todas tem a agropecuária como principal atividade econômica. Vinte e três famílias trabalham no cultivo do *cheiro-verde*. Dezenove com criação de gado, galinha e porco, além de plantar a hortaliça.

Destaca-se que as comunidades Nossa Senhora de Nazaré- Paraná do Limão de Baixo, São José- Paraná do Limão do Meio e Nossa Senhora das Graças- Paraná do limão de Cima são as três comunidades do Paraná do limão que mais produzem cheiro-verde para o Município. Do Repartimento do Limão somente algumas famílias trazem a Parintins sua produção, em sua maioria são exportados para Barreirinha.

## 2.2 Políticas Públicas vigentes para as melhorias no setor de produção

A lei de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) de 2006 afirma que a,

(...) alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população.

Entretanto, passou-se longo tempo de discussões desde Josué de Castro em sua obra *geografia da fome* da década de 1940 para se chegar à referida Lei que atualmente busca um equilíbrio de acesso ao alimento.

A obra de Castro revela uma vinculação com a realidade atual principalmente na comparação da alimentação que hoje se difere pelo excesso de alimentos industrializados ingeridos pela população. Se as políticas públicas locais auxiliassem a produção esta poderia se tornar suficiente, mas isso é um conjunto de forças que poderia resultar no aumento do consumo na cidade e assim cumprir a lei segurança alimentar (2006) que ampara a população assegurando que é dever do poder público respeitar, proteger, promover, prover, informar, monitorar, fiscalizar e avaliar a realização do direito humano à alimentação adequada, bem como garantir os mecanismos para sua exigibilidade. (Art.2º SAN, 2006).

O Dr. Alfredo José Barreto Luiz, pesquisador da EMBRAPA, em 2010 realizou/ um estudo sobre a Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) realizada pelo IBGE, que levanta para cada um dos mais de 5.500 municípios brasileiros a área plantada, a quantidade produzida e o valor da produção de espécies vegetais. Com a análise desses dados, mais especificamente aqueles relativos à segurança alimentar, foram apontadas algumas propostas de segurança alimentar, as quais seriam uteis para mobilizar as políticas públicas voltadas para alcançar a soberania alimentar tais como:

- Alimentos tradicionais geralmente são nativos ou bem adaptados às condições de clima e solo do local, o que tende a proporcionar eficiência à produção, baixando custos e elevando a produtividade;
- Produtos de consumo alimentar local, em geral, consumidos *in natura*, ganham em qualidade ao serem comercializados imediatamente depois de colhidos (alimentos frescos);
- A proximidade entre produtores e consumidores facilita a logística de distribuição e diminui o espaço para intermediários no processo, contribuindo para a redução dos custos ao consumidor, ou melhor, remuneração ao produtor;
- As relações interpessoais entre produtores e consumidores, facilitadas pela proximidade física, podem interferir positivamente no compromisso entre esses atores, tanto no compromisso do produtor com a qualidade nutricional e sanitária dos

produtos e com a conservação ambiental, quanto no compromisso do consumidor na preferência pelos fornecedores locais e a disposição em remunerar de forma adequada a fonte local de sua alimentação saudável;

- A produção local exige mão de obra e gera renda, o que, como vimos, diminui a insegurança alimentar. É um sistema que promove a soberania e obriga a produção local, que gera emprego e renda, que aumenta a demanda por produtos e principalmente favorece aos produtores que se dedicam para a produção.

Estas propostas poderiam ser anexadas às propostas dos planos de encargos públicos a fim de propiciar o melhoramento da produção agrícola atual em Parintins e assegurar aos produtores melhores oportunidades.

Apesar das dificuldades, a produção familiar tem levado à mesa da população as hortaliças como os demais produtos utilizados na alimentação de origem vegetal. O valor monetário acompanhou o nível de participação efetiva dos agricultores até 2007 num pico de quase dois milhões de reais de produtos agrícolas locais comercializados na Feira do Produtor Rural. A partir daí, houve quedas consecutivas nos anos seguintes, embora tivesse continuado a crescer o nível de participação dos agricultores.

Porém este mesmo produtor não tem sido acompanhado e mesmo com os investimentos não tem alcançado êxito, como é o caso dos produtores Comunidade Nossa Senhora de Nazaré que conseguiram investimentos.

Dos resultados econômicos obtidos pelas comunidades, observa-se no quadro 02 a região, a quantidade em dinheiro obtido pelas vendas de produção agrícola tanto para hortaliça quanto para os demais produtos e a porcentagem equivalente ao que cada comunidade contribui para a economia local.

QUADRO. 02 – Demonstrativo da comercialização por região na feira do produtor rural – 2009

| <b>REGIÃO</b>      | <b>VALOR EM R\$</b> | <b>VALOR %</b> |
|--------------------|---------------------|----------------|
| P. A VILA AMAZÔNIA | 858.261,55          | 62,61          |
| <b>PNA. LIMÃO</b>  | <b>195.843,55</b>   | <b>14,29</b>   |
| COSTA AMAZONAS ME  | 148.553,70          | 10,84          |
| UAICURAPÁ          | 74.362,00           | 5,42           |
| CIDADE             | 27.928,00           | 2,04           |
| OUTROS             | 19.768,00           | 1,44           |

|                |                     |               |
|----------------|---------------------|---------------|
| CABURI         | 17.725,50           | 1,29          |
| PNA. RAMOS     | 13.578,00           | 0,99          |
| PNA. XIBUI     | 12.160,00           | 0,89          |
| COSTA AMAZONAS | 2.016,00            | 0,15          |
| MOCAMBO        | 615,00              | 0,04          |
| <b>TOTAL</b>   | <b>1.370.811,30</b> | <b>100,00</b> |

Quadro 02: Demonstrativo da comercialização por região na feira do produtor rural – 2009  
Fonte: Secretaria Municipal de Produção Agrícola- SEMPA/2010.

Notadamente, o P. A Vila Amazônia constitui-se atualmente como a região pólo produtivo com uma contribuição superior a 60% do volume comercializado na Feira do Produtor Rural, correspondendo em aproximadamente a novecentos mil reais de produtos comercializados, porém não se destaca na produção de hortaliças.

É importante ressaltar que as comunidades localizadas ao longo da calha dos rios Uaicurapá e Mamurú não têm comercializado com frequência sua produção na Feira do Produtor devido a problemas com transporte, fato que acaba levando os produtores dessas localidades a entregarem seus produtos para intermediários que na maioria das vezes efetuam o pagamento na base da troca por outras mercadorias e/ ou produtos industrializados com preços muito elevados.

A distribuição econômica do Município está dividida na realização do festival folclórico dos Bumbás Garantido e Caprichoso, realizado no mês de junho todos os anos o qual contribui significativamente para a economia local e atrai crescentemente, investimentos em diversos segmentos de produção, comércio, turismo e serviços, porém dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), a prestação de serviços em Parintins, apresentou a maior fonte de contribuição para a arrecadação do PIB (74,5% do total); em seguida, a atividade agropecuária foi à segunda fonte de contribuição (15%) e recebeu um investimento na ordem de R\$11,4 milhões de reais (SEMPA, 2010) e seguida pela produção industrial (10,5%).

Da arrecadação atribuída ao setor primário, a pecuária contribui com 75% do montante e as atividades agrícolas com os 25% restantes (IBGE, 2009c). A pecuária no município, que constitui um dos maiores rebanhos do Estado, é praticada majoritariamente por pequenos proprietários, que desenvolvem a pecuária extensiva, sustentada em grande parte pela ocorrência de pastagens naturais.

Por outro lado, nas atividades agrícolas, é comum se constatarem dificuldades na gestão dos empreendimentos, em comercialização, agro industrialização, planejamento local,

organização comunitária (de associativismo), e de acesso dos produtores aos instrumentos específicos de políticas públicas disponíveis, como o Programa de Aquisição de Alimentos da CONAB, o Programa de Regionalização da Merenda Escolar (Preme/Seduc) do Governo do Estado, entre outros (SEMPA, 2010; Couto, 2005).

Como política pública de incentivo à produção, a CONAB realizou a compra de produtos da agricultura familiar e pescadores artesanais através da COOPAPIN, ASDECOSAM, COOPRAC, Colônia de Pescadores, e de alguns produtores individuais, que recebem apoio logístico da SEMPA na questão do transporte, na recepção e distribuição desses produtos às entidades beneficiárias. Isso representa mais um canal alternativo na comercialização da produção e garantia de preço mínimo. (SEMPA, 2011).

A comercialização da produção do cheiro-verde se dá pela ajuda do atravessador e a comunidade não dispõe de cooperativas o que facilitaria a produção e comercialização assim como a possibilidade de adquirir créditos para ser aplicado no aumento da produção, o que hoje é inoperante na comunidade estudada.

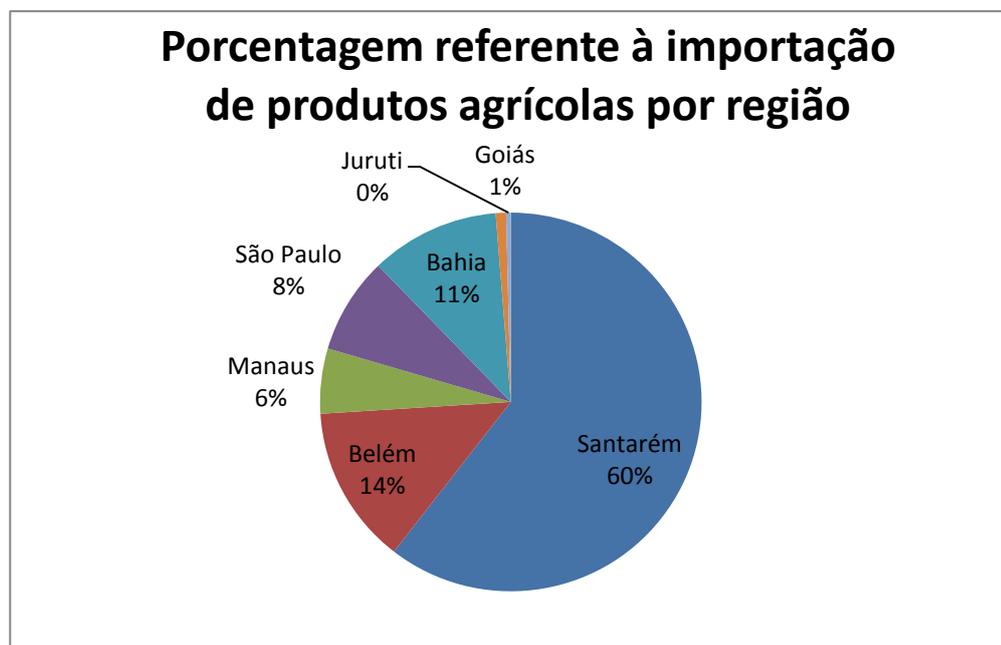
No mercado Mundico Barbosa o faturamento bruto com a comercialização de produtos agrícolas em 2011 foi na ordem de R\$ 138.025,00, de sete feirantes concessionários. A farinha de mandioca foi responsável por 19% do valor total comercializado (R\$ 25.985,00), seguido do tomate com 12% (R\$ 16.560,00), alho com 11% (R\$ 15.150,00), banana com 10% (R\$ 13.900,00) e repolho com 8% (R\$ 11.120,00), respectivamente. O cheiro-verde se apresentou a quinta posição, ou seja, 4% de todos os produtos comercializados na feira.

Outro exemplo que ilustra o resultado das deficiências relacionadas à produção agrícola, pôde ser constatado através do relatório da Comissão Executiva Permanente de Defesa Vegetal e Animal (CODESAV, 2010), que, em 2010, registrou a importação de quase 2.000 mil toneladas de produtos agrícolas de outros lugares (estados), enquanto apenas 10 toneladas foram exportadas de Parintins como: hortaliças, derivados de mandioca, hortifrúti, dentre outros.

55% dos moradores da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré vive do cultivo do *cheiro-verde* e 45% de criação de gado, galinha e porcos. Das Comunidades do Paraná do Limão de Baixo ela se destaca junto as Comunidades São José do Limão do Meio e Nossa Senhora das Graças do Limão de Cima na produção da hortaliça e comercialização em Parintins. Embora a concorrência com a produção que chega semanalmente nas embarcações oriundas de Santarém, seja grande demais eles têm alcançado venda para toda sua produção.

Em 2011 a CODESAV averiguou uma porcentagem onde 60% dos produtos importados, como: banana, tomate, batata, cebola, mamão, abacaxi, melancia, repolho,

manga, limão, cheiro-verde, pepino, maracujá, maçã, melão, farinha, laranja, tangerina, pimentão e cenoura eram oriundos de Santarém, como demonstra o Gráfico 01.



**Gráfico 1- Porcentagem referente à importação de produtos agrícolas por região**  
Fonte: CODESAV/2011.

Não se pode negar a contribuição da produção agrícola local, o que comparado ao gráfico abaixo equivale a cerca de menos de 7% do que se consome na cidade, porém não se pode deixar de ressaltar que na maioria dos dados de produção local disponibilizadas não consta o quanto efetivamente se tem produzido em Parintins. Em contrapartida os dados obtidos afirmam a insuficiência da produção atual. Precisa-se pensar ainda na segurança alimentar da população e tendo em vista que a produção local é baixa, logo, a competição com a produção de outras localidades resulta na desvantagem dos pequenos rurais locais, tendo em vista que, a maioria deles, vendem seus produtos para os atravessadores os quais fazem a venda na cidade e estes compram há um preço baixo e vendem há um preço elevado.

No gráfico acima, observa-se que de Santarém representa cerca de 60% de tudo que é importado, seguido de Belém, Manaus, São Paulo, Bahia, Goiás.

Define-se um dos aspectos bem plausíveis para análises como produção, transporte, comercialização da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré - Paraná do Limão de Baixo o que poderá de fato exprimir a realidade de uma pequena parcela da população que vivem da agricultura familiar, é os vendedores ganham um lucro de 100% em cima do produto **Cheiro-verde**, hortaliça regional e muito consumida pela população principalmente no preparo do peixe.

Atualmente o cenário de Parintins está assinalado por diversos fatores adversos ao desempenho da produção pecuária e agrícola. Como exemplo, pode-se referir à redução gradual dos rebanhos bovinos, assim como os baixos índices da produção agrícola, tanto em área plantada, como em rendimento. Segundo as informações apresentadas no relatório anual do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM, 2009), em Parintins, as culturas agrícolas mais representativas, em área de plantio e, em número de agricultores que as cultivam, cita-se na seguinte ordem, as culturas de: mandioca, malva, feijão, banana e açaí.

Na audiência pública de Parintins, em 2010, onde foram discutidos os problemas e as possíveis soluções para melhorar o cenário do setor primário no município, destacaram-se entre as dificuldades apontadas, a carência da assistência técnica prestada, relacionada à alta taxa de inadimplência (67% de inadimplentes) dos financiamentos realizados (SEMPA, 2010).

Os insucessos das tentativas de projetos implantados podem estar relacionados a uma infinidade de fatores, dentre os quais, o acesso ao conhecimento de técnicas e tecnologias apropriadas para cada caso seria um componente favorável ao aumento das chances do sucesso. Outro exemplo que ilustra o resultado das deficiências relacionadas à produção agrícola, pôde ser constatado através do relatório da Comissão Executiva Permanente de Defesa Vegetal e Animal (CODESAV, 2010), que, em 2010, registrou a importação de quase duas mil toneladas de produtos agrícolas de outros estados, enquanto apenas 10 toneladas foram exportadas de Parintins. A falta de produtos em quantidade suficiente para sustentar a demanda do consumo local, resulta na evasão de recursos para outros centros de produção/distribuição, recursos estes, que poderiam beneficiar o desenvolvimento local, tanto na cidade, quanto para melhoria das condições de vida das comunidades do interior.

Para melhorar o cenário atual do setor primário de Parintins, faz-se necessário, o trabalho em conjunto entre as instituições de administração pública, com os órgãos de assistência técnica e extensão rural, e também, por meio de parcerias com instituições de ensino e pesquisa. Problemas relacionados às questões fundiárias, acesso ao crédito e das políticas públicas, entre outros, também merecem atenção para facilitar o sucesso de iniciativas voltadas ao desenvolvimento do setor primário.

O volume de recursos aplicados no crédito rural vem aumentando gradativamente ao longo dos anos, a partir de 2007. Esse montante investido tem sido pulverizado com um número maior de mini e pequenos produtores rurais em operações com valor médio de R\$3,43 mil reais.

O diagnóstico feito dos anos de 2005 a 2010 mostra que o setor rural recebeu investimento na ordem de R\$11,4 milhões de reais. Estes recursos são oriundos das esferas federal (FNO/PRONAF- Fundo Constitucional de Financiamento do Norte/Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar e DRS/PRONAF) e estadual (FMPE). No que diz respeito às atividades financiadas não foi possível identificar, a partir dos dados fornecidos pelo Banco da Amazônia, os valores investidos e número de operações contratadas em cada atividade do setor rural. Quando inseridas dentro da agricultura familiar as culturas de subsistência como a mandioca, milho e feijão caupi, pode-se afirmar que o setor rural do Município de Parintins é basicamente constituído pela produção oriunda da Agricultura Familiar.

A Região do Limão, onde se localiza a Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, surge nos dados com somente 4% do abastecimento do Município em 2011. Segundo os moradores, dos planos de crédito, auxiliam o produtor rural, a CONAB apresentou uma proposta para os mesmos, porém o projeto que queriam incrementar não seria vantajoso para os produtores. Somente um dos produtores entrevistados tentou aumentar a produção com um empréstimo feito a Pronaf, mas este acabou por se endividar e não viu retorno do investimento. Desta forma a visita técnica, se eficiente, teria ajudado quem sabe aumentar sua produção ou mesmo averiguar se a produção está sendo realizada de maneira correta, pois uma boa assistência técnica, mesmo que não ajudasse no aumento da produção, auxiliaria no combate a pragas e utilização melhor de adubos e sementes.

Os produtores da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, pela experiência que tem vivenciado não demonstram vontade de aumentar o plantio porque não teriam mercado para vender e pelos diversos fatores já apontados nesta pesquisa como: transporte, custo de deslocamento, preços baixos de venda, falta de apoio técnico e logístico, etc.

Uma das principais consequências que surge com a aplicação do crédito em bases pouco produtivas é a de pecuaristas, agricultores e pescadores endividados tenderem a se desfazer dos seus meios de trabalho, haja vista que a zona rural carece de investimentos em saúde e educação voltada ao homem do campo para o campo. Com o insucesso das atividades produtivas o agricultor familiar termina optando pela mudança de atividade e, quase sempre se transferindo para a periferia da Cidade e aumentando os problemas sociais.

Em vista de diversos fatores o setor agropecuário do município encontra-se fragilizado, baixa produtividade e redução dos plantéis e stands, e a inadimplência exigirá dos agentes financeiros habilidade para a retomada em bases sustentáveis: técnica, econômica, financeira e ambiental com o foco na reconstrução deste setor produtivo.

De acordo com dados do IDAM a atividade pecuária é a mais assistida, seguida da atividade agrícola, principalmente dos produtores de pequena escala no Município de Parintins. A partir disso, a análise do papel da assistência técnica na promoção do desenvolvimento da agropecuária, aponta para a necessidade de reformularmos a maneira como essa está sendo prestada, bem como a estrutura de logística para o atingimento da eficácia na sua prestação, pois, o IDAM apresenta oito técnicos de campo para atender 3.160 produtores rurais, isso dá uma relação técnico produtor de 1: 395, superior quase quatro vezes o índice recomendado de 1: 50 técnicos por agricultores.

Outro fator de dificuldade para a prestação de assistência técnica é a existência de dois ecossistemas distintos no município: várzea e terra-firme. Por encontrarem-se distantes e de certa forma isolados sazonalmente pela seca dos rios os custos operacionais e a necessidade de apoio logístico são muito onerosos.

Nesta discussão acrescenta-se a questão do transporte, uma vez que a produção chega ate Parintins através dos próprios comunitários que dispõe de pequenas embarcações chamadas de motor “rabeta”, uma espécie de canoa com motor muito utilizado pelos ribeirinhos. Em sua maioria os moradores da comunidade possuem este meio de transporte para se locomover, já que a via principal é o rio. O custo da embarcação se torna mais caro, devido o acesso à cidade devido à via ser fluvial, a falta de auxílio técnico, dificuldades de escoamento, dentre outras que insurge afeta principalmente os produtores que se encontram limitados para suas produções o que interfere diretamente na segurança alimentar da população. Os produtores porque sobrevivem desta produção e o consumidores porque são obrigados a pagar mais caro pelo produto local e produzido de forma mais saudável.

Uma política de contribuições do poder público para o transporte dessa produção poderia elevar em mais de 1/3 a quantidade de produtos comercializados na Feira, aumentando também a renda dessas famílias e promovendo a padronização da produção, principalmente dos derivados da mandioca, pela inserção de cursos de capacitação nas diversas atividades agropecuárias desenvolvidas nessas localidades, (SEMPA, 2010).

Isso é relevante de forma que se os próprios produtores trazem o cheiro-verde para venda suas despesas se tornam mais caras, ou seja, a produção não é relevante o bastante para cobrir os custos dessa logística até a sede da cidade. O que abre a possibilidade para a outra forma de chegada do produto a cidade como se constata pelos relatos dos próprios moradores que é através do atravessador. Ele vai à casa do produtor no dia marcado e recolhe o produto para vender na cidade. Este produto acaba por receber um valor acima do que foi comprado e posteriormente vendido acima, muito acima do primeiro valor. Em Parintins os compradores

são certos e recebem o produto semanalmente, conforme os preços distribuídos no quadro 03, abaixo.

Quadro 03: Distribuição de preço de venda do produtor e do atravessador ou revendedor

| Produto             | Preço de venda do produtor | Preço de Venda do atravessador ou revendedor |
|---------------------|----------------------------|--|
| <b>Cheiro-verde</b> | R\$: 0,35                  | R\$: 1,00                                    |
|                     | R\$: 0,40                  | R\$: 1,50                                    |

**Quadro 03:** Distribuição de preço de venda do produtor e do atravessador ou revendedor.

**Fonte:** Trabalho de Campo, 2013;

**Org.** Daniela Baraúna

Isso quer dizer que o produtor vende o maço de cheiros-verdes ao preço de R\$: 0,35 a R\$: 0,40. O atravessador vende na cidade para o comerciante ao preço de R\$: 0,50 ou até mais. O Comerciante vende este produto ao preço de R\$: 1,00 ou R\$: 1,50. Acontece ainda de o próprio atravessador vender este produto. Os produtores acabam por ganhar um lucro inferior ao do vendedor. Caso ele tente aumentar, como já tentaram fazer, os compradores se opõem e ameaçam não comprar nada ao passo que os produtores precisam vender para sobreviver. Antes desta pesquisa, os próprios comunitários relataram que não eram sabedores deste preço de venda. Os mesmos disseram que não podiam fazer muita coisa já que sempre que tentaram aumentar o preço e isto é recusado pelos compradores. A venda é mais que 100% sobre o valor de compra.

O que contribui diretamente na venda do cheiro-verde o consumo do pescado que teve uma baixa nos últimos anos, mas ainda assim o cheiro-verde continuou a ser utilizado no preparo do frango, feijão e outras guloseimas. Mas o grande alvo é o pescado. Se a venda do pescado aumenta logo aumentará a venda do cheiro-verde, pois este é consumido de forma intensa no preparo do cozido do peixe. Quando este é preparado frito ou assado o molho vem acompanhado do cheiro-verde.

Vejamos a distribuição dos dados no quadro 04, abaixo:

Quadro 04: Quantidade de maços produzidos e os lucros gerados na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré.

| Produto       | Quantidade mensal produzido pela Comunidade | Quantidade Anual produzido pela Comunidade | Lucro mensal Obtido pela Comunidade | Lucro anual Obtido pela Comunidade |
|---------------|---|--|-------------------------------------|------------------------------------|
| CHEIRO -VERDE | 25.600 maços                                | 307.200 maços                              | R\$: 8.960,00                       | R\$: 107.520,00                    |

**Quadro 04:** Quantidade de maços produzidos e os lucros gerados na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré.

**Fonte:** Trabalho de campo, 2013

**Org.** Daniela Baraúna/2013.

Podemos observar pelos dados que a produção total da comunidade equivale a aproximadamente 25.600 maços de cheiro-verde mensal isso quer dizer que são cerca de 307.200 maços anuais. A venda destes produtos calcula-se uma arrecadação mensal da comunidade equivalente a R\$: 8.960,00 e anual de R\$: 107.520,00 se o produto for vendido ao preço de R\$: 0,35. Aliás, esse valor não foi reajustado há muitos anos, porem o valor de compra do cheiro-verde para o consumidor aumentou significativamente de R\$: 0,50 a R\$: 1,50 representando reajuste de mais 150% do valor.

Os produtores precisam custear o adubo para a produção e esta por sua vez torna-se um pouco cara dependendo ainda do período de cheia ou vazante, assim como os balcões suspensos (Figura 03) que todos os anos precisam passar por reparos durante a vazante para que suportem a cheia.



**Figura 03:** Bancos suspensos com plantações de coentro e cebolinha- cheiro-verde.

**Foto:** Daniela Baraúna- Ago./2013.

O adubo fica armazenado em pequenos “chiqueiros” (figura 04) montados pelos produtores para que durante a enchente eles não tenham dificuldade para produzir, mas ainda assim eles preferem o período da enchente, pois relatam que é o período de maior venda e encontram facilidade para cuidar dos bancos já que a água é farta neste período. Porém no período de Junho, Festival Folclórico em Parintins, a venda é baixa, justamente porque o mercado é abastecido pela produção oriunda de outras localidades.



**Figura 04:** Chiqueiro- local de armazenamento de adubo orgânico dos produtores.

**Foto:** Daniela Baraúna. Ago/2013.

Para alguns moradores a administração pública poderia contribuir com a compra do esterco que tem custado, uma faixa de R\$: 200,00 para cada 2 canteiros há 3 sacas deste adubo. Ainda poderiam ser doados estes estercos para os produtores o que facilitaria o trabalho dos mesmos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Segurança Alimentar da população sendo vista de forma séria e com comprometimento dos órgãos administradores pode, ainda gerar grandes melhorias da produção de cheiro-verde para os produtores da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré no Paraná do Limão de Baixo, a partir de políticas públicas atuantes o que fortaleceria os agricultores familiares na Comunidade no escoamento de produção, diminuindo valores de custo com transporte e diminuindo preços de venda e aumento o lucro dos produtores.

A segurança alimentar é garantir não somente quantidade, mas qualidade na alimentação e embora a quantidade não denote qualidade é precisa-se obter números para expressar e se estudar a temática a fim de propiciar um diagnóstico eficiente e descobrir o quanto se pode modificar.

A Comunidade Nossa Senhora de Nazaré tem realizado um grande esforço para abastecer o mercado local. Apesar de a produção ser insuficiente esta comunidade tem produzido em meio às dificuldades e unida às duas outras comunidades do Paraná do Limão tem abastecido as feiras, mercados e comércios semanalmente com sua produção. Embora a produção oriunda de outras localidades complementem estes dados.

Das 42 famílias cerca de 23 delas sobrevive diretamente da produção de cheiro-verde, mantem sua família e se alimentam de caça e pesca e da criação que tem em seus quintais.

O preço de venda ainda é muito inferior ao preço de compra do produto com uma disparidade bastante relevante para a situação de subsistência do produtor. Parintins se apresenta como uma cidade para além de 100 mil habitantes e a quantidade que se consome em cheiro-verde semanalmente são cerca de 6.400 maços vendidos na cidade. Porém, somente na área urbana Parintins detém-se de para mais de 60 mil habitantes o que se conclui que mensalmente os 25.600 maços produzidos não podem preencher a necessidade da população.

Se investidos na produção a quantidade suficiente somado ao apoio técnico e logístico poderiam se diminuir a quantidade de cheiro-verde importados para Parintins, pois a própria

população consumiria o que resultaria no melhor aproveitamento lucrativo do produtor que estando auxiliado pode produzir mais e chegar a vender ele mesmo o seu produto.

Analisando a produção da comunidade e o consumo em Parintins se chega à conclusão de que o Município perde quando não trabalha junto com seu entorno seja economicamente como em outros aspectos. As comunidades contribuem não somente com os dados lucrativos de produção, mas também com os dados de consumo, já que os produtores abastecem suas casas com produtos comprados na cidade.

Pode-se considerar que a segurança alimentar da população de Parintins não está em sua totalidade garantida assim como a produção local. Apesar das políticas públicas serem responsáveis pelo auxílio a população seja ela em qual aspecto for, é preciso que se tome conhecimento de muitas situações afim respostas para as necessidades dos produtores.

Em suma, a relação da produção de cheiro-verde na comunidade Nossa Senhora de Nazaré e o consumo em Parintins revela uma proximidade do rural e o urbano onde a Comunidade, sozinha não abastece o consumo do cheiro-verde na cidade, porém Parintins recebe semanalmente adquire este produto para o consumo. Os olhares ainda não se voltaram aos interesses de políticas simples de melhorias para os produtores da hortaliça cheiro-verde, não somente da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, mas das outras comunidades onde famílias sobrevivem desta produção.

## 5. REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Luiza K. M. II. **Conservação da Várzea: identificação e caracterização de regiões biogeográficas**. Manaus: Ibama/ ProVárzea, 2008.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COMISSÃO EXECUTIVA PERMANENTE DE DEFESA VEGETAL E ANIMAL (CODESAV). Gerência de defesa Sanitária Vegetal – 2010. **Ações de Defesa Sanitária Vegetal Anual**. Parintins. 2010. 1p.

COUTO, R. (Org.) **Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável: Parintins-Amazonas, 2005-2012**. Manaus: IBAMA, ProVárzea, 2005. 172p.

GOMES, I. M. **Manual Como Elaborar uma Pesquisa de Mercado**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Amazonas – Parintins-AM. Rio de Janeiro: IBGE. 2013. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=130340>. Acesso em: 04 de outubro de 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Amazonas – Parintins-AM, Economia. Rio de Janeiro: IBGE. 2009b. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=130340#economia>. Acesso em: 11 de Out. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Produção Agrícola Municipal de Parintins-AM. 2008. Rio de Janeiro: IBGE. 2009c. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/downloads>. Acesso em: 11 de Out. 2011.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO E FLORESTAL SUSTENTÁVEL DO ESTADO DO AMAZONAS (IDAM). **Relatório interno de atividades desenvolvidas em 2009**. Parintins-AM. 2009. 6p.

LUIZ, Alfredo José Barreto. **Segurança alimentar e agricultura**. Embrapa Meio Ambiente (CNPMA), 2010. Procurar em [http://www.agroanalysis.com.br/materia\\_detalhe.php?idMateria=93](http://www.agroanalysis.com.br/materia_detalhe.php?idMateria=93). Acesso em: 23 de setembro. 2013.

MALUF, Renato S. Jamil. **Segurança Alimentar e Nutricional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PARINTINS. PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. **Estatísticas. Dados gerais sobre o município de Parintins**. 2010. Disponível em: <http://www.parintins.am.gov.br/?q=35-conteudo-8313-ESTAT%CDSTICAS>. Acesso em: 11 de Out. 2012.

RUTTER, M.; ABREU, A. **Pesquisa de Mercado**. Série: Princípios. 2. Ed. São Paul 1994.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PRODUÇÃO E ABASTECIMENTO (SEMPA).

**Relatório: Audiência Pública da Produção Agropecuária e Abastecimento Agrícola de Parintins.** Prefeitura Municipal de Parintins. 2010. p.27.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PRODUÇÃO E ABASTECIMENTO (SEMPA).

**Relatório: Atividades e Ações da Secretaria Municipal de Produção E Abastecimento de Parintins.** Prefeitura Municipal de Parintins. 2011.